

AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Cristo ordena, mas nem a Igreja,
nem seus fiéis cumprem:
Não possuais ouro nem prata,
nem trageis dinheiro em vossas
cintas.

Mateus X, 9

ANO II

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 16 de maio de 1947

N.º 35

FECHAMENTO DO PARTIDO COMUNISTA

Sucedeu afinal o que previamos e o que têm afirmado todos os anarquistas: o partido comunista será esmagado pelo capitalismo, legal ou ilegalmente; suas torpes manobras provocarão, fatalmente, uma reação defensiva. Isso era tão certo como serem certas as afirmações anarquistas, cimentadas por um século de persistente luta e repetidas observações.

Após oitenta anos, os princípios assentados por Bakúnin mais uma vez se confirmam. Onde houver, asseverava ele, dois Estados de igual força ou com iguais ambições, haverá rivalidade, luta comercial, guerra.

Levantou-se a Alemanha como Estado onipotente e logo entrou a competir com a Inglaterra. A competência passou a disputa co-

mercial por mercados ou colônias e, em 1914, estourou em guerra.

Vencida a Alemanha, apareceu a Rússia com fumaças revolucionárias, mas sob forma de Estado, um Estado encapadinho numa capa com rótulo vermelho, mas gritão, ameaçador, engole-fogo, enfuriado abatedor dos demais Estados do universo. Criaram lá, seus mandões, o *Estado Proletário*, socialista, numa *Pátria de Trabalhadores*, repudiando assim, desde logo, o lema vivo de que os trabalhadores não têm pátria. A Pátria dos Trabalhadores, nessa designação, já prenunciava um conflito com as Pátrias dos não-trabalhadores.

Ora, nós os anarquistas predissemos com Bakúnin, que o novo Estado *proletário*, sendo *Estado e proletário*, termos antitéticos, se

transformaria, cedo ou tarde, em Estado ferozmente capitalista, tão mais feroz, quanto se organizara ditatorialmente. A ditadura não seria do *proletariado*, seria *sobre o proletariado*. Dito e feito.

Os Estados capitalistas perceberam, desde logo, a gôrgona que lhes saía pela frente. Trataram prudentemente de isolá-la, primeiro, e afiar o machado para decepá-la, à primeira investida, a cabeça minaz.

A Rússia foi isolada. Seus mentores idearam planos quinquenais, levados por uma incrível basófia a que, muito mais tarde, Molotov chamaria *gigantomania*, mania de obras gigantescas, centrais elétricas jamais vistas, mas encomendadas, por preços fabulosos, às construtoras americanas. Com isso, uma ditadura requintadamente domina-

dora, despótica, selvagem na crueldade, refalsada nos métodos, na espionagem, nas desforras, com o mais descarado desprezo à vida humana (Lénin dizia: *não somos vegetarianos*) e, rematando tudo, uma estúpida auto-suficiência ainda hoje vivíssima em quanto comunista entulha a terra. Só eles sabem, só eles são geniais, só eles têm argúcia, visão, capacidade. Atribuem-se todas as qualidades, tenham-nas ou não, tal a arrogância com que subestimam a tudo e a todos. Só a Rússia é digna e só Stálin sabe ver e dirigir.

Ora, a realidade revela o contrário. Stálin tem sido de uma mediocridade política desastrosa, externa como internamente.

Há um artigo, publicado no último número do periódico *Combate*, órgão da Associação dos ex-combatentes antifascistas revolucionários, de Havana, Cuba, subscrito pelo dr. José Conesa Martínez, onde se demonstra, com todas as luzes, a inépcia do regedor da Rússia.

O isolamento forçado da União Soviética é assim descrito: «Em 1932, muito poucos países mantinham relações diplomáticas com a União Soviética.

A Rússia tentou chamar a atenção para os mercados estrangeiros inundando-os de mercadorias arrematadas às mãos do necessitado povo russo. Esse movimento comercial e político, expressão de angústia e desespero, tomou, na história, o nome de *dumping soviético*. Stálin submeteu seus concidadãos a exaustivo labor de muitas horas de trabalho com seus vários planos quinquenais e logo lhes arrebatava o fruto do asinino esforço para alimentar o *dumping*, enquanto na Rússia havia situação de miséria.

Porém, os barcos russos eram mal recebidos em todos os portos. Proibia-se às tripulações descerem a terra e visitar as cidades. Um cordão sanitário de polícia lhes vedava todo movimento, qualquer contacto com as gentes desses países estrangeiros.

Stálin supôs lograr os adversários com o seu ingênuo expediente do *dumping*. A resposta foi apertar-se mais o isolamento, dificultando-lhe imensamente a manutenção do vasto império sem saída para qualquer ponto cardinal. A fera que ameaçara esmagar estava acuada. Para amedrontar os adversários, recorreu à *garganta*. Seus planos quinquenais gigantescos realizaram-se matematicamente, às vezes, antes do prazo. Seu exército vermelho era o mais possante, mais bem armado e numeroso do mundo. Sua aviação era verdadeiramente assombrosa: mais de quarenta mil aviões prontos e uma produção mensal estonteante. Metalhadoras manejadas automaticamente, por si mesmas; tanques fenomenais. Enfim, uma organização férrea, inquebrantável.

Essas mentiras, porém, poderiam entusiasmar os crédulos comunistas dos partidos fora da Rússia, mas não enganava a nenhum serviço de espionagem, mormente o inglês.

Em 1932, conseguiu a Rússia relembrar à França um tratado antigo de comércio concertado com o Tzar Nicolau. Esse trata-

do foi restabelecido por Pierre Laval; mas, não passou disso.

Entretanto, a leste e a oeste da Rússia, dois possantes Estados adversos ao comunismo se erguiam: Japão e Alemanha e esta apoiada na Itália. Era grande a angústia da Rússia; mas, a sua atitude agressiva prosseguia audaz em todo o mundo. Os partidos comunistas, longe de procurarem suavizar os arreganhos soviéticos, amaciaram os detemperos da ditadura, eram, como no Brasil até 1937, ferozmente sediciosos, gritosamente revolucionários, só eles e mais ninguém.

Vem a guerra de Espanha. Os agentes russos informam o *Politburo*. Stálin vê ali uma porta de saída: ou apoderar-se do governo espanhol vencendo Franco, ou ameaçar-se com os capitalistas ocidentais tentando paz com eles. Sua tentativa de apossamento do poder em Espanha foi contrariada rijamente pelas organizações operárias, a C. N. T. sobretudo. Stálin recebeu vultosas quantias para enviar armamentos à Espanha. Meteu o ouro nos cofres soviéticos para melhorar sua catastrófica situação financeira e não mandou arma alguma. Ao contrário, mandou Litvinof, trair a Rússia e a Espanha no nome de não-intervenção. Essa traição, bem tipo comunista, bem salafária, descerrou-lhe as portas diplomáticas; mas, não passou disso. Em Munich, não figurou a Rússia. Hitler, ao subir, esponejou à vontade o partido comunista alemão; a Rússia, a feroz, nem piou, caladinha como um réu.

Stálin tentou acordos com Hitler, o assassino dos seus correligionários alemães, e recebeu sempre de Hitler um redondo não pela cara. Rompeu a segunda guerra mundial A Inglaterra apelou para a Rússia, mas a Rússia, isolada, em vez de safar-se do isolamento, aceitando o apelo, fez acordo com Hitler, o sangrador de comunistas. Essa punhalada pelas costas muito caro lhe estaria custando agora se o doido Hitler não houvesse invadido a Rússia.

Então, todo o mundo, boquiaberto, viu a Rússia real, a Rússia incapaz de guerra séria. Foi preciso que os Estados Unidos e a Inglaterra acudissem à Rússia de todo derrotada. Até viveres tiveram de mandar-lhe. O livro de Stetinius, incontestável e incontestado, o prova com a máxima evidência. Foram os aeroplanos americanos chegados a tempo a Stalingrado e a formidável estrada de ferro do Iran refeita e aparelhada em seis meses que salvaram o pobre Stálin e sua grei nefasta.

Ganha a guerra, viu-se a Rússia içada às grimpas internacionais. Era uma das *grandes* e os bigodes stalinianos cresceram mais, enfartaram-se. Com eles sua arrogância e sua inépcia.

Realmente, o papel da Rússia tem sido este: onde pôde meter a garra, saqueou bens e homens válidos escravizando-os e exercendo, na região ocupada, um despotismo jamais alcançado, instituindo um regime totalitário do

(Continua na 4ª pag.)

MEDO DA GUERRA

P. Ferreira da Silva

É detestável ter de falar da coisa odiada. Mas a figura dela anda por aí, agitada em discursos de políticos e governantes, erguida em forma de sombra de uma roda gigante, onde o carro da guerra passa e deixa a gente na angustiosa expectativa de vê-lo passar outra vez. E, assim, não se pode evitar o assunto, cuja repetição parece tragédia que alguém sãdicamente procura para torturar a humanidade.

Havia em todo o caso uns intervalos bastante grandes, nas passagens anteriores do carro da guerra projetando sua sombra sobre o mundo que vê girar a roda gigante, movida pelos títeres do capitalismo em feira monstruosa. Agora, mal se deu tempo a um novo ciclo, ou este se abrevia pelo aceleração da roda que, mal comparando, havia de tornar-se tão rápido que a sua velocidade causasse uma desintegração parecida com a dos átomos da bomba super-destruidora. Desfeita a roda, não seria preciso continuar aguardando a passagem dos seus carros fatais. Nem sombras espalhariam luto e tristeza na humanidade. Nem ruidos fariam estalar o cérebro dos homens enlouquecidos. Nem vertigens roubariam às criaturas a noção do lugar e da estabilidade.

Infelizmente, os políticos e governantes recomparam muito depressa a falar da guerra, e não podemos deixar de notá-lo. A coisa odiada torna-se mais odiada pela força da sua presença imponderável.

Se repararmos nas palavras dos homens a quem foi dada a posição de "condutores de povos", veremos que anda em todos eles mais o medo da guerra do que a preocupação da paz. As conferências que se sucedem, depois da pavorosa carnificina, perderam o aspeto pacífico da reconstrução, se é que algum dia o tiveram. Cada um vai para ali com idéias ocultas e planos de desconfiança. Cada um leva no coração a perfídia.

Depois, os discursos internos dão-nos desde já uma sensação de malestar que se propaga pelos quatro cantos do mundo. A bomba atômica é apenas um pretexto, porque, antes dela, também se planejavam guerras com a justificação contraditória da necessidade de defesa. Defesa contra exércitos de infantas ou cavaleiros, de canhões ou belonaves, conforme as épocas.

Havemos de concordar que é ridículo uma potência, ciosa de sua força dentro do mecanismo plutócrata que soube montar com sistemas peculiares de indústrias monumentais e finanças poderosas, mostrar-se reciosa de outras a quem não reconhece superioridade, por orgulho de auto-suficiência. Essas potências, e temos uma delas aqui perto, coberta pela bandeira estrelada de "Tio Sam", andam agora com medo da guerra. E porque têm medo da guerra, tratam de reforçar seus armamentos e segredos bélicos, preparando-se para a eventualidade de uma outra guerra. E então, como

os valentes, à procura de briga, levantam hipóteses de ataques de outras potências, dizem-se ameaçadas por perigos de invasão. Ora, não será possível alguém admitir que, na presente situação mundial, possam os Estados Unidos estar expostos a uma invasão, seja de quem for? Onde anda nesse caso a sua força, o seu alardeado poder? Que medo é esse, num gigante assim?

Sabemos o que significa semelhante tática. Ela tem sido usada por outros imperialismos, tem vitimado povos e espalhado desgraça em largas regiões da terra.

O medo da guerra admite-se nas populações destinadas a serem vítimas dessa odiada calamidade. Mas, quando uma potência, ainda há pouco vitoriosa, diz, pela voz de seus políticos, que tem medo de guerra, desconfiamos dos seus planos. E' assim que se justificam armamentos e pesquisas bélicas. E' assim que se caminha para mais intenso e rápido armamento. E' assim que se mete na cabeça das massas a idéia dos preparativos de defesa e patriotismo. E' assim que se prepara o ambiente para a guerra.

Que os povos abram os olhos e desconfiem dessa exagerada precaução. Gente pacífica, gente do trabalho como é preciso que sejamos todos no mundo, não se arma, nem prepara guerras. Os salteadores é que se armam, quando estão planejando seus crimes. Mas, justamente por isso, torna-se mais fácil conhecê-los e vigiá-los.

LIBERDADE

Dando-se a esta palavra o seu verdadeiro significado, só podem viver gozando-a, as criaturas que se cultivam no conhecimento de *causa e efeito*. Deste conhecimento profundo é que nos vem a seiva que alimenta a vontade de nos libertar de tudo o que nos oprime e também a vontade de libertar os outros das nossas ruínas ações.

Sem esta cultura, as criaturas, em plena liberdade só fazem desatinos, alteram a harmonia, se não houver para elas uma "camisa de força", a qual camisa é o regime de opressão. Ou então, medicina terapêutica.

A anarquia socialista é um regime de profundo entendimento, pois que as criaturas precisam ser—elas mesmas—sua própria autoridade, para se corrigir antes de cometer algum ato reprimível; não é regime que se possa estabelecer num mundo compacto de ignorantes licenciosos, viciados e supersticiosos.

O meio em que transitamos está cheio de vícios e os vícios amarram à escravidão quem os adquire. A criatura viciada é fraca de juízo; não pode, de modo algum, como as crianças, viver pelo seu próprio tino!

O Estado é a mais acabada, a mais patente calamidade do Universo. Se ganha a guerra, acontece que o ganho é só para alguns. Se a perde, perdem-na todos os cidadãos, menos alguns. Os militares ganham a guerra porque mobilizam as indústrias civis e mobilizam os paisanos, ao passo que os militares descansam. Uma vez terminada a guerra, os militares entram em exercício como civis e militares. Tudo isso é tão estrondosamente eloquente, tão claro e tão visto, tão tragicamente cômico, tão experimentado, que parece incrível persistir na continuidade de destroços e misérias. A Europa está em completa decadência. A guerra ganharam-na as indústrias e os construtores americanos, todos paisanos, com a enorme massa asiática mobilizada pelos Soviéticos. Fosse a Europa contar somente com suas forças, ter-se-ia o fascismo imposto permanentemente. Essas verdades não as dirá nenhum locutor de nenhuma rádio.

Felipe Alaiz

(Hacia uma Federación de Autonomias, caderno 12, pg. 12 e 13)

Tem de ser dirigida e, o que é pior é ela não se corrigir. Ora, a direção estranha suscita autoridade! Pode ser autoridade sem penalidade; mas, sempre é autoridade.

Não sei o juízo que vão fazer os meus amigos leitores das explicações acima expostas: mas, se é como eu entendo, a *liberdade importa a elevação do sentimento consciente do bem, do belo e da verdade. A anarquia, seu símbolo fundamental, não pode ser estabelecida num*

LIVROS NOSSOS

Rodolff Rocker — AS IDÉIAS ABSOLUTISTAS NO SOCIALISMO Cr\$ 15,00

acaba de sair em tradução portuguesa. Coleção: *Perspectivas das Edições Sagitário*

Pedidos a *Ação Direta*. Buenos Aires 147 A 2.º Rio de Janeiro ou ao *Centro de Estudos Sociais* de S. Paulo. Caixa postal 5739.

mundo em que predomina a patifaria!!!

Antônio Fernandes

O PAPA E O AÇUCAR

Lemos em l'Adunata dei Refrattari (8-3-47):

«A documentação do critério com que o clero católico administra na Itália a assistência dos necessitados já foi feita; mas, não será supérfluo registrar o episódio de Perugia, que, mais uma vez, ilustra o processo da igreja católica no servir-se dos gêneros alimentícios postos a sua disposição pelos vencedores da guerra para promover a causa da *papaliza*ção da península.

Em Perugia, a semana passada, fez o clero uma distribuição de açúcar *dado* pelo Vaticano. Apenas, em vez de ser distribuído segundo as necessidades, esse açúcar, *dado* pelo Vaticano, foi distribuído segundo as cadernetas. Quem tinha caderneta do sindicato católico recebeu açúcar. Quem não tinha caderneta do sindicato católico, não recebeu nada.

Moral católica, para receber alguém açúcar do papa, há de inscrever-se nos sindicatos católicos.

Mas, assim não o entendem as mulheres de Perugia, as quais se reuniram em grande número nas ruas e improvisaram uma demonstração de protesto diante da sede arquiépiscopal.

Repelidas pelo arcebispo, as demonstrantes dirigiram-se à Prefeitura, exigindo do prefeito o sequestro do açúcar papal e sua distribuição pelas famílias mais necessitadas.

Frustrados os apêlos à calma; declarada pelo prefeito a impossibilidade de reivindicar direitos sobre o açúcar papal, dado ao Vaticano por potências estrangeiras, teve o prefeito de ordenar a distribuição de açúcar e de farinha das reservas da cidade.

O expediente parece ter acalmado momentaneamente as mulheres de Perugia, mas não resolveu o problema da filantropia papalina com o arma de corrupção. As nações ricas, capazes de mandar açúcar e cereais à Itália para aliviar os sofrimentos daquele povo, consignam-nos ao Vaticano, o qual os distribui somente aos seus sequazes.

Não admiraria fosse essa realmente a idéia dos doadores. Em tal caso, a filantropia deles é uma irrisão atroz à fome de que sofrem tantos italianos, como irrisão é a caridade dos padres do Vaticano.

Uns e outros servem-se dos alimentos como de um engodo para submeter os esfomeados ao seu domínio».

Antecedentes.

A história da intervenção soviética na Espanha permanece o maior mistério da grande tragédia espanhola a fiadar. Sabe o mundo que houve intervenção soviética na Espanha; porém, nada mais sabe. Ignora o porque interveio Stálin, como desdobrou ali suas atividades, quais os homens encarregados, por trás da cena, de realizá-las e seus proventos nessa aventura.

Sucede, precisamente, que eu sou o único sobrevivente, no estrangeiro do grupo de empregados e oficiais do exército soviético incumbido pessoalmente de organizar a intervenção soviética na Espanha e também o único possibilitado, neste momento, de expor esse episódio, dramático e histórico, contemporâneo, digno de ser conhecido.

Como chefe do *Soviet Military Intelligence* da Europa Ocidental, conhecia os bastidores de todas as resoluções de caráter internacional tomadas pelo Kremlin. Tinha em minhas mãos as principais molas da política estrangeira de Stálin, da qual fazia parte a questão espanhola.

Não foi por mero acaso que a nau do Estado de Stálin foi abicar nos longínquos portos espanhóis. Desde o ascenso de Hitler ao poder, em 1933, a política estrangeira seguida por Stálin tem sido desastrosa, motivada pelo temor do isolamento. Colhido entre a avultante ameaça japonesa a leste e a ameaça alemã a oeste, andou Stálin à caça de um aliado forte entre as grandes potências mundiais. Todos os seus esforços para firmar acordo com Hitler eram às vezes estimulados, outras vezes desairosos. Tentou restabelecer o antigo tratado zarista com a França; mas, não

A MÃO DE STÁLIN NA ESPANHA

de W. G. Krivitsky

(ex-general do exército russo)

lhe foi possível obter estreita aliança conforme esperava. Seus intentos de dar a mão à Inglaterra ainda menos auspiciados foram. Em 1935, Anthony Eden e o presidente Laval fizeram uma visita oficial a Moscou. O Comissário das Relações Exteriores, Litvinof, estivera em Washington e obtivera o reconhecimento americano. Logo após, desempenhara, em Genebra, um papel de grande relevo. Logrou mundial renome; mas, foi tudo quanto ganhou. Londres evitava compromissos formais e o tratado com França era muito frágil apoio em que firmar-se.

Moscou Madrid

À cata de segurança, Stálin, com a sublevação de Franco, voltou olhos para a Espanha. Sua atuação, como todas, foi lentíssima. A princípio, manteve-se expectante, a tentar. Queria certificar-se de que não era fácil nem rápida a vitória de Franco.

Só então interveio na Espanha com a idéia de tornar Madrid vassala do Kremlin. Com tal vassalo obteria, por um lado, estreitas relações com Paris e Londres; por outro, reforçaria sua posição para um tratado com Berlim e Roma. Dono da Espanha, ponto de vital importância para França e Grã-Bretanha, sua nau de Estado encontraria a segurança almejada e viria a ser respeitável potência e sua aliança cubizada.

Mas Stálin, ao revés de Mussolini queria jogar na Espanha

sem nada arriscar. A intervenção soviética poderia ter sido, em certos momentos, decisiva, se Stálin houvera arriscado, em favor do governo, o que fez Mussolini em favor de Franco. Porém, Stálin nada arriscou. Averiguou até, previamente, se havia suficiente ouro, no Banco de Espanha, que superasse o custo de sua ajuda material a Madrid. Procurou sempre, por todos os meios, evitar que a União Soviética se visse envolta numa conflagração. Sua intervenção fez-se com a senha «Manter-se fora de alcance do jogo de artilheria». Tal senha tracejou nossa linha de ação durante toda a campanha intervencionista.

No dia 19 de julho de 1936, dia da sublevação de Franco contra o governo de Espanha, achava-me em meu escritório central de la Haya (Holanda). Vivia ali com minha esposa e meu filho de tenra idade, fazendo-me passar por antiquário austríaco. A simulação de antiquário justificava admiravelmente minha luxuosa residência, as quantias verbais que me forneciam e minhas frequentes viagens a vários pontos da Europa.

Quase todas as minhas energias se voltavam para organizar uma rede do serviço policial secreto na Alemanha. Os esforços de Stálin para conseguir um acordo com Hitler sempre se frustravam. O tratado teuto-italo-japonês, negociado recentemente em Berlim, preocupava seriamente o Kremlin. Eu acompanhava de

perto, secretamente, as negociações.

Ao primeiro estrondo dos canhões alem-pireneus, despachei um agente para Hendaya, na fronteira franco-espanhola, e outro para Lisboa, afim de organizarem o serviço secreto de informação no território de Franco.

Eram, para mim, medidas rotineiras. Não recebera instruções de Moscou referentes a Espanha e, por então, nenhum contacto havia entre meus agentes e o governo de Madrid. Como chefe responsável do serviço secreto europeu do governo soviético, procurava apenas colher informes e comunicá-los a Moscou.

Meus agentes de Berlim, Roma, Hamburgo, Bremen, Genebra e Nápoles, informavam-me escrupulosamente do imenso auxílio material que Franco recebia de Itália e Alemanha.

Todos esses relatos enviava-os eu ao Kremlin onde eram recebidos em silêncio. Não obstante, nenhuma instrução me vinha referente a Espanha.

Somente o Comintern — a Internacional Comunista, com ramificações em todos os países do mundo — quebrou o silêncio em Moscou.

Desde muito, o escritório central do Comintern fora relegado a humilde subúrbio e suas manifestações careciam de qualquer influência em nossos conselhos privados. O próprio Stálin qualificara desdenhosamente o Comintern de *lavatchik* (aglutinante) e era esse qualificativo o seu apêlo nas altas esferas soviéticas.

De luminoso arehote em que

devia acender-se a revolução mundial, degenerara o Comintern a pouco menos que simples acessório da política externa de Stálin. Podia servir-se, por interesse próprio, da *lavatchka* para promover, em qualquer país, uma agitação interna contra um governo hostil ou criar ambiente para determinado problema internacional.

Em 1935, pôs em giro o Comintern para estabelecer no mundo a nova política da *Frente Popular*. Em todos os países democráticos, seus aderentes disciplinados do partido comunista cessaram sua oposição ao governo e, em nome da *democracia*, juntaram suas forças às dos outros partidos. A técnica consiste em eleger, com ajuda de incautos e outros muitos crédulos, um governo nacional de simpatia à União Soviética. Em França, a Frente Popular eleva Leon Blum ao poder, porém foi Leon Blum quem, ajudado por Londres, criou a política de não intervenção na Espanha.

Dimitrov, secretário geral do Comintern em Moscou, herói da sentença sobre o incêndio do Reichstag, que se infiltrara no regimen, o que motivou o criação do Nazismo em Alemanha, era encarregado, também, do Partido Comunista Espanhol. Após cinco anos de custodíssima propaganda, com toda sorte de agitação revolucionária, não lograra reunir, em Espanha, 3000 comunistas.

As organizações obreiros espanholas como todos os partidos políticos mais adiantados mantinham-se obstinadamente anticomunistas. A República Espanhola, após cinco anos de existência, ainda não reconhecia o governo soviético, nem tinha relações diplomáticas com Moscou.

(Continua no próximo número)

Primeiros ecos do Congresso de Bolonha

Ação Direta prometeu a seus leitores pô-los a par dos resultados desse congresso, importantíssimo por sua significação histórica. Da-mos hoje a primeira impressão através dos informes de Era Nuova de Turim.

O tom geral do Congresso foi o de seriedade e desejo de evitar inúteis batebocas em questões secundárias. Sentia-se uma assembleia de homens maduros, conscientes do que querem, *sobretudo* práticos no encarar a situação e resolver os problemas.

Tratou-se, antes de tudo, da organização interna da *Federação anarquista italiana* (F. A. I.). Foi relatado o companheiro Fedeli que expôs quanto ocorreu desde o Conselho Nacional de Carrara até hoje. «Não se poderia fazer melhor nem mais, disse Fedeli, dadas as circunstâncias de todos conhecidos, mas obteve-se ligação e coordenação da atividade de todos os anarquistas italianos».

A preocupação geral, nesse assunto de organização, foi o de não se embrenharem no definir atribuições a esse ou aquele organismo, a não tomar decisões que tornasse rígido o movimento, disciplinando-o.

Era Nuova, salientando a excepcional atuação do companheiro Armando Borghi, afirma que, nesse tão delicado ponto, foi ele claro e explícito. Asseverou que os anarquistas jamais suportarão uma disciplina semelhante à dos partidos políticos e se rebelarão contra qualquer tentativa de a instaurar em nosso meio.

Nesse particular, por proposta do comp. Zaccaria, o Congresso suprimiu o *Conselho Nacional* criado pelo tratado de Carrara. Esse conselho não pode funcionar por ter sido composto de companheiros residentes em pontos vários de Itália. Demais, revelara certas tendências de caráter diretivo.

Constituiu-se uma *Comissão de correspondência* com sede em Bolonha, composta de companheiros residentes na zona. Encarrega-se de informar, receber notícias, coordenar as ações dos vários grupos sem ter, no entanto, nenhuma função diretiva.

Parace, pois, ter sido tratado a contento o problema da organização. Manteve-se a descentralização perfeita sem deixar os organismos livres, descoordenados.

Assunto debatidíssimo foi o da atuação anárquica nos sindicatos. Não era, com efeito, de esperar perfeita harmonia nesse tema vital. Foram apresentadas numerosas moções. Cada qual divergia das outras, razão pela qual não se chegou a firmar nenhum acordo decisivo, nem formular conclusões especiais.

A Federação Romanhola fez

uma declaração de princípios, as-sentando que nenhuma decisão poderia ser obrigatória para todos por mera maioria mais ou menos elevada. Entendia que o voto seria meramente consultivo.

Todas as demais federações, embora divergentes da Romanhola, admitiram esse mesmo ponto de vista e reconheceram a necessidade da absoluta liberdade na ação sindical.

Entretanto, outros conceitos da moção Romanhola tiveram plena aceitação do Congresso. Foram elas: a) crítica à Confederação Geral do Trabalho, instituição considerada arbitrária e monopolizadora dos partidos; b) luta contra as funções dirigentes dos partidos em qualquer terreno; c) necessidade de desenvolver ação anárquica nas Comissões Internas, porque não se acham imunes de ingerências políticas; d) conveniência de deixar aos comitês de defesa sindical a responsabilidade do seu trabalho, para evitar que iniciativas sindicais de duvidosa coerência anárquica possam surgir com o rótulo da F. A. I. ou do movimento anárquico.

Ventilou-se ainda a questão da próxima guerra. Que deverão fazer os anarquistas para impedir ou contrariar os preparativos da guerra? Que poderão fazer na campanha antimilitarista? Nomeou-se uma comissão para cuidar do assunto e promover especiais estudos de caráter prático.

Examinou-se mais, o perigo da ofensiva clerical. Todo o Congresso reconheceu esse perigo e foi unânime em aprovar encarniçada oposição a tal vanguarda nitidamente fascista, aliada de Mussolini pelo tratado de Latrão e sustentadora da monarquia de Saboia como de todas as mais monarquias.

Estudou-se o problema da juventude para salvá-la das garras do Estado e da Igreja e educá-la segundo princípios revolucionários.

Passou-se à questão da imprensa, às iniciativas editoriais e de auxílio a diários, periódicos e revistas.

Falou-se no auxílio urgente aos companheiros da Calábria, Sicília e Sardenha sujeitos a tremenda reação local. Foi esse assunto seriamente debatido e tomaram-se decisões promissoras de bons resultados.

No tocante a *relações internacionais* foi aprovado, por aclamação, o seguinte acordo:

«Os anarquistas reunidos em Bolonha, reafirmando tudo quanto já deliberaram em Carrara, incumbem a *Comissão de Correspondência* de promover o máximo de contactos, a fim de que a experiência de qualquer movimento

(Continua na 4ª pag.)

Nossa Imprensa

1. Deve ter saído em França um volume de Vólin intitulado *La Revolution inconnue*. Trata-se da revolução russa ao fim da primeira guerra. É um volume de 650 páginas, ao preço de 250 francos. Dirigir-se ao grupo editor **Les amis de Vóline**, chez G. Franssen, 9, rue de l'Epeiron, Paris. (VI)

2. **Obras de Pietro Gori**. Acaba de sair o terceiro volume, intitulado *Ceneri e faville*. O preço de cada volume é 40 liras, fora as despesas postais. A assinatura de todos os volumes custa 550 liras. Deve-se declarar se se prefere receber os volumes ao saírem ou se terminada a publicação. Enderêço: **Editrice Moderna**, Milano, via Plinio, 12, Itália.

3. Apareceu em abril, na vizinha cidade de Niterói, mais um órgão da imprensa anarquista no Brasil: *O Archote*. É editado pelo grupo *Archote* e mimeografado. Em 1º de maio saiu o segundo número já bastante melhorado. É todo ele redigido por aderentes da *Juventude Libertária Brasileira*.

Saudemos esse promissor início do movimento anarquista no Estado do Rio.

O anarquismo progride!

4. Acaba de sair igualmente, aqui no Rio, editado pela *Juventude Spartacus*, o periódico *Spártacus*, impresso em quatro páginas e ótimamente redigido.

Nossas felicitações anárquicas.

Noticias anárquicas

1. Segundo o *Times* de 17 de março, foi condenado o tenente da marinha inglesa John Wardle a perda de comando de um lançamina e de três meses de antiguidade porque, em alto mar, *degradou* o seu posto de comando *rebaixando-se* a almoçar, no dia de Natal, à mesa da tripulação constante de 5 marinheiros. Foi sentença da Régia Corte Marcial na Inglaterra governada pelo partido trabalhista e socializado! Grandes hipócritas! E o protestantismo? que faz?

2. Na terra de Franco, os anarquistas não dormem. Segundo *Cultura Proletaria* (15-3-47), em Vigo, os resistentes liquidaram o síndico da cidade, Eusebio Lago, perseguidor dos anti-fascistas. Em Barcelona, houve, em fevereiro, explosões nos arrabaldes aristocráticos, com enormes prejuízos. Em Valência, durante uma reunião de falangistas, em Losa, deu-se um assalto de insurrectos. Morreram quatro insurrectos e oito falangistas. Em Madrid travou-se conflito em Puertollano com a Polícia, morrendo dois antifascistas. Em Losa del Obispo, aos 26 de janeiro, assaltaram os insurrectos elementos falangistas e a Guarda Civil. Morreram seis guardas-civis e foram feridos sete. Em Huesca, a polícia franquista deu busca na central elétrica entre Pozan del Vero e Huerta del Vero. Morreu um homem, duas mulheres foram presas, e sequestraram-se duas metralhadoras, duas bombas de mão e três pistolas.

Mas, assim, Franco não sossega!

3. Séria greve carbonífera na Sardenha, em janeiro, na Bacia de Sulcis, por falta de distribuição de alimentos. O prefeito assinou a ordem do dia apresentada pela Camera di Lavoro. Os mineiros voltaram ao serviço; mas, passados dias de vã espera, mostra o prefeito um telegrama da firma exploradora rejeitando o pacto. Com isso, mais de 1200 operários deixam o trabalho a que só retornam aos 25 de janeiro com promessa de distribuição de víveres. Isso em Iglésias; mas, em Carbônia nada concederam. Um companheiro anarquista propõe então a apropriação das minas pelos operários; porém, mal deixa a tribuna, os comunistas o tacham de *fascista, reacionário* e o mais, como costumam esses ser-

vos desmedulados da burguesia. Consequência: prisão dos anarquistas Pasquale Francello e Cesare Zanetti do grupo Michele Schirru.

Como se vê, a idéia da ocupação vai fazendo rápidos progressos.

4. Formou-se em Turim um grupo anarquista autônomo: *Iniciativa anárquica*, em oposição a qualquer organização autoritária, colaboracionista ou estatutária. Em seu manifesto diz: «A experiência pessoal e histórica ensina que, onde o anarquismo soube manter-se, no terreno sindical, com propósitos firmes e decisivos, conseguiu firmar-se como algo consistente, constituindo de fato alavanca poderosa capaz de incutir respeito aos inimigos e adversários e dar exemplo de realizações libertárias valendo-se dos fatores: educação e prática». O grupo acha indispensável contrariar a tendência centralizadora e burocrática da C. G. I. L. preconizando ao contrário sindicatos de estrutura horizontal, com métodos todos de ação puramente direta.

O grupo começou sua atividade com uma conferência, aberta pelo iniciador do grupo Luigi Ceria, sobre *O momento atual*. Falou depois o comp. Ilario Margarita demonstrando, que as desgraças humanas decorrem do capitalismo com seus coadjutores: o Estado e a Igreja.

A conferência assistiam dois padres, um à paisana e outro com hábito. Eles intervieram apartando o orador, o que mostra como vão eles criando asas; mas, saiu-lhes o tiro pela culatra pois Ilario demonstrou que não foi Deus que criou o homem, senão o homem que criou Deus, esse Deus fascista, de judeus, católicos e protestantes.

5. Só agora pudemos ler o manifesto que os grupos anarquistas de Madrid publicaram em janeiro deste ano. É um manifesto longo, de notável firmeza, sinal bem claro de estarem vivas e atuantes as forças de rebete a Franco na própria capital do país. Na impossibilidade de transcrever todo esse documento, trasladaremos apenas o final:

«Os Grupos anarquistas de Madrid, conhecedores do seu dever, firmes em sua decisão, levantam sua clara voz, meditada com

A PLEBE

Como anunciamos, saiu em 1º de maio o valente periódico anarquista A PLEBE em S. Paulo. A PLEBE inaugura excelentemente, com esse número, outra etapa da sua fulgurante carreira.

Todos os anarquistas do Brasil, velhos e novos, ansiavam por essa ressurreição após um período negro de fascismo nacional. Os velhos rejubilam-se revendo nas bancas o órgão legítimo da classe trabalhadora de S. Paulo; os moços por poderem contemplar e ler esse verdadeiro impulsor do anarquismo de que tanto lhes falavam os veteranos.

A PLEBE sai vibrante como sempre, em traje domingueiro, como cumpria a quem despertou de morte aparente e vê todos os seus a postos, rindo, cantando a *Internacional*, júbilosos por terem novamente sua tribuna aberta às reivindicações dos irreverentes ácratas.

AÇÃO DIRETA saúda sua irmã de lutas e lhe envia as mais gritantes vozes de auspicioso reinício na propaganda libertária.

NOTA — Segundo combinação dos companheiros do Rio e de S. Paulo, não podendo ainda o movimento arcar com as responsabilidades de dois semanários, passará *Ação Direta* a sair quinzenalmente, nos dias 8 e 22 de cada mês. Teremos, assim, semanalmente um vozero anarquista buzinando liberdade aos quatro ventos, mas em pontos diferentes e cada qual com seu feito próprio e apropriado ao meio em que atua.

frieza, e dão alarme aos confederados madrilenhos. Marche cada qual pela reta linha assinalada pelas atribuições a cada um conferidas. Não mais andar por atalhos; não mais fatos consumados! Unidade e firmeza! companheiros! Quem ordena, quem dirige, não são os Comitês; é a vontade dos homens expressa pela maioria. Formai grupos de afinidade, grupos específicos, que estudem os problemas, os examinem, os ajizem de acordo com sua consciência e que velem para que os comitês sejam meros servidores do pensamento coletivo. Os Grupos anarquistas de Madrid dizem ao povo trabalhador:

Aqui se acha a F.A.I.! A F.A.I. não morreu, pois desventurado o Povo que perde o espírito que a F. A. I. leva em si. A F. A. I., mais poderosa e dinâmica que nunca, voltará a ocupar seu posto na luta, quando o menor rasgo do Povo ou alguma eventual ação efetiva assinalem a hora de *bater o cobre*.

A todos os amigos e inimigos dizemos com nossa linguagem tosca e sincera: «Ainda que nos espere a dor e a morte... pela Justiça, pela Humanidade! Viva a Liberdade! Viva a C. N. T.! Viva a F. A. I.!»

Assim falam os anarquistas. Os politiquinhos, tipo comunista ou trabalhista, longe de ter essa fala decidida e heroica, vivem beijando a mão à burguesia rica, lutando-lhe as botas, a basofiar nas câmaras parlamentares, pobres títeres, pobres judas da revolução social!

Marques da Costa (Rodolfo)

O camarada Marques da Costa (Rodolfo), antigo militante do nosso movimento operário e anarquista, atualmente residente em Portugal, tendo sido violentamente privado da sua biblioteca e do seu arquivo, que se viu forçado a abandonar em Madrid, durante a guerra de Espanha, pede, àqueles que possam e queiram fazê-lo, o favor de lhe facilitarem a aquisição das coleções ou números soltos dos jornais *A Revolta* (Pará, 1919-20) e *Voz do Trabalhador* (Pará, 1920), a revista *Renovação* (Rio de Janeiro, 1921) e o jornal *O Trabalhador* (Rio, 1922-23), publicações com as quais pretende realizar um trabalho referente ao movimento operário no Brasil. A correspondência deve ser remetida para o nome acima com o seguinte enderêço: Rua Alexandre Braga, 22, r/c dto. — Lisboa.

Para a Anarquia só se pode ir por caminhos anárquicos

E. LA TELARO

SEMPRE FORAM ESPIÕES

Ter o Vaticano seu serviço de espionagem bem mantido e aquinhoado é coisa velha e revelha. O célebre caso Montagnini com suas fichas publicadas pelo governo francês e a instituição típica dos *vigilantes* de Pio X são provas irrecusáveis. Agora, D. Basílio, castigante publicação italiana anticlerical, dá-nos o seguinte quadro panorâmico de real interesse:

«O Vaticano sempre foi acusado* de perigoso centro de espionagem. Não se esvaneceu ainda o eco do processo contra o alemão Monsenhor Gerlach, ocorrido na outra guerra. No pontificado de Bento XV, Gerlach, ex oficial alemão, era chefe da organização espionista germânica na Itália e agia de acordo com o *Evidenz Bureau* de Viena (Centro austro-húngaro de espionagem). A Gerlach se atribuiu o afundamento do nosso cou-raçado *Benedetto Brin* no porto de Brindes e o *Leonardo da Vinci* em Táranto.

Não nos alongaremos sobre as acusações feitas a Monsenhor Miglione e Monsenhor Pacelli pela imprensa aliada como espias em favor da Alemanha. Não o faremos porque os muitos jornais que os acusaram e a *Action Française* que mais se atirou contra os dois, não

especificaram, nem documentaram suas alegações.

Tratemos agora da atividade desenvolvida pelos vários membros do Vaticano nesta guerra.

Assinalemos a aventura de mons. Valerio Valeri, núncio em Paris. Achava-se em Paris quando, em junho de 1940, ocorreu a catástrofe militar da França. Foi ele o único membro do corpo diplomático que se recusou a seguir o governo em sua fuga pela França.

Os franceses são unânimes em acusar monsenhor Valeri de colaboração com alemães durante os quatro anos de ocupação. Todavia, não se pode imputar-lhe, a ele só, tal delito. O alto clero francês uniformou-se à regência imposta por mons. Valeri a cardiais, arcebispos e bispos franceses por ordem do Vaticano. Suas diretrizes resumem-se assim:

«Mantende-vos, em aparência, na mais estrita reserva, mas, na realidade, colaborai eficazmente com a autoridade ocupante pelo interesse(!) dos fiéis e da Igreja».

Desses eclesiásticos, o mais ativo colaboracionista foi o cardinal Gerlier, arcebispo de Paris.

Os jornais clandestinos do período de resistência ataca-

ram-no com violência, a ele e mons. Valeri.

Quando, em agosto de 1944, o general De Gaulle se transferiu para Paris com seu governo provisório, fez-se intérprete do sentimento popular contra esses dois prelados. Com efeito, no solene *Te Deum* de graças realizado na catedral de Notre Dame, aos 15 de agosto, para festejar a libertação de Paris determinou o general De Gaulle que, se mons. Valeri e o cardinal Gerlier ousassem comparecer na catedral, ele os mandaria expulsar. Os dois lá não apareceram. Era evidente que a missão diplomática de mons. Valeri em Paris e sua presença na capital francesa era por demais inoportuna e insustentável Pio XII, em vez de chamá-lo a Roma, obteve em mantê-lo embora o general De Gaulle recusasse constantemente recebê-lo. Por vários meses estiveram interrompidas as relações entre França e o Vaticano. Para desfazer esse ponto morto intervieram dois bispos patriotas e autênticos guerrilheiros, o bispo de Montauban, na Saboia, e o de Nice, os quais, durante o período da ocupação, arrosaram audazmente a autoridade tedesca.

Os dois prelados regressaram ao Vaticano em outubro de 1944. O resultado de tal viagem foi que mons. Valeri se liquidou. Que coisa significará o fim de Valeri até para o inefável cardial arcebispos de Nápoles e Veneza? Deste último ocupamo nos antes; quanto ao primeiro, relembremos que se Mussolini ou outro qualquer fascista papalino ia a Nápoles sempre encontrava na estação o cardial. Os napolitanos recordam-se ainda da grande procissão em maio de 1938, acompanhando Mussolini—Hitler—Horthy e o Rei que apareceram em Nápoles para as manobras da esquadra.

No período fascista, a espionagem no Vaticano assumiu proporções sem precedentes. A lista da OVRA está longe de completa. Até no Vaticano estão certos de que os peixes grossos em forma de prelados de sotaina vermelha ou de púrpura escaparam da rede. Mas, por outro lado, não há mister escândalo por isso. Todos os prelados estrangeiros em Roma são substancialmente espias mais ou menos voluntários, que agem por dever patriótico contra o governo do próprio país. Toda embaixada junto ao Vaticano tem seu conselheiro eclesiástico, e este, na es-

Os companheiro de Campinas, São Paulo, distribuíram o seguinte manifesto:

Um brado de alerta contra o clericalismo

E' chegado o momento de reiniciar a luta anti-clerical, com o firme propósito de anular o efeito da propaganda deletéria que essa facção obscurantista vem desenvolvendo, com a finalidade de exercer domínio sobre as consciências e de perpetuar o erro e a mentira.

Com a conivência de políticos sem escrúpulo, aproveitando-se desse período de decomposição moral que a enxurrada totalitária nos proporcionou, o clero, que nunca negou seu apoio aos movimentos liberticidas, estendeu mais ostensivamente seus tentáculos, em todos os setores de atividade humana como sejam: escolas, lares, fábricas e oficinas, esforçando-se, com a cumplicidade dos detentores do poder, para consolidar essas conquistas, erigindo sobre a inconsciência e sobre a ignorância, através das quais, a igreja católica se vem mantendo e persiste ainda em projetar sua sombra pelos séculos afora, como um ultraje à livre manifestação do pensamento.

Interferindo, com seus manejos ardilosos, na educação da criança, o clero não desconhece que as impressões que o cérebro humano recebe na infância são as que mais facilmente se gravam; daí as cuidados especiais que os potentados da igreja mandam dispensar a esse mister, porque disso depende a formação das futuras legiões de papa-hóstias que a ação embrutecedora do clericalismo tornará incapazes de pensar livremente, constituindo um poderoso entrave às idéias de renovação social.

Sobejamente conhecidos são os métodos jesuítas usados pelo clero para infiltrar-se no seio da família, onde a mulher, que o confessorário reduz a submissão servil, é o instrumento de que ele se serve, com frequência, para tecer essa enorme rede de intrigas que, tendo o lar como ponto de partida, vai envolvendo o organismo social até alcançar as esferas graduadas da política, para mais facilmente poder concretizar as aspirações despóticas da igreja de cercar todas as liberdades públicas.

Percebendo o rumo que vão tomando as idéias emancipadoras, esses oportunistas de faro aguçado, arvoram-se em defensores dos direitos dos trabalhadores, simulando interesse pela solução dos problemas ligados à situação angustiante em que se encontram. Aduladores que sempre foram dos despotas, seriamente comprometidos que estiveram com o extinto fascismo italiano, sustentáculos que são dessas torvas figuras de jesuítas, Franco e Salazar, eles rotulam seus partidos políticos de democratas e socialistas, como se, na sua significação autêntica, socialismo fosse compatível com os ensinamentos de uma religião que é a mais completa negação de todo e qualquer princípio de liberdade e que contrapõe o absurdo dos seus dogmas à luz brilhante da ciência e da razão.

sência, não passa de um chefe de serviço espionador da embaixada, que faz assim encarnizada competência às embaixadas junto ao Quirinal.

Ante essa onda de clericalismo que avança ameaçadora, sentimo-nos no dever inelutável de sair a campo, para sustentar uma luta frontal, contra esses impostores.

Daqui, lançamos este brado de alerta, para que seu eco, atinja as regiões mais distantes e desperte as consciências adormecidas e, numa conjugação de esforços com aqueles que sentem a necessidade imprescindível de colaborar nesta jornada, fundemos Ligas e grupos anti-clericais, cercando fileiras ao seu redor para que nossa ação se desenvolva mais eficientemente.

Não subestimamos a força desse nosso adversário, nem tão pouco ignoramos que alguns séculos de influência clerical deixaram sulcos profundos na mentalidade do povo; mas, com firmeza e perseverança, levaremos avante essa campanha e assim teremos contribuído para que se aproximem os dias em que a história assinalará o triunfo definitivo do livre pensamento e da razão, sobre o reinado das trevas e do arbítrio.

Primeiros ecos do Congresso de Bolonha

(Continuação de 3ª pag.)

possa interessar a todos. Concorram em firmar contactos também pessoais, lembrando porém que uma verdadeira e eficiente *Internacional* só surgirá quando, nacionalmente, forem ativadas as várias Federações regionais. Encarregam o companheiro Gusmano Mariani de representar consultivamente a F. A. I. na Comissão de relações internacionais residente em Paris.

Muito importante foi a criação de uma *Comissão de estudo*, estudo dos muitos problemas práticos do movimento. Foram escolhidos companheiros especializados nos diversos problemas técnicos e culturais, incumbidos de fornecer aos nossos periódicos e revistas, notícias, dados, documentos, informações de toda natureza, úteis à propaganda.

Eis, em resumo o que até agora temos podido colher de mais notável. Por essa resumo sente-se quão importante foi essa convenção dos camaradas de Itália.

Correspondendo desde já, à lembrança de quão necessárias são as Federações regionais, *Ação Direta* apela para os companheiros de S. Paulo e Rio Grande do Sul afim de convocar-se uma reunião preliminar de companheiros que assemtem, digamos em julho próximo, as bases da Federação Anarquista Brasileira.

Pedimos aos companheiros de *A Plebe* que movimentem o assunto em S. Paulo.

Propaguem

Ação Direta

O fechamento do Partido Comunista

(Continuação da 1ª pag.)

mais rijo molde; na O. N. U. contrariar, por princípio e regra, qualquer proposta vinda dos parceiros e insistir na adoção das suas, sempre irritantes e inaceitáveis. A par disso, destravou, por todos os jornais comunistas do mundo, tremenda campanha contra os Estados Unidos e Inglaterra.

Consequência: acha-se hoje na mesma situação de antes da guerra; isolou-se estupidamente. Quis rasgar passagem para o Mediterrâneo, mas à força, agredindo, ameaçando, hoje Trieste, 1º de agosto, após a Grécia e a Turquia numa insensatez crescente. Sua atitude no Iran foi um desastre. Armou as duas maiores potências contra seus arrogamentos. Na Alemanha instaurou um regime bárbaro de que fogem milhares de pessoas para as zonas inglesa e americana. Os comandantes aliados têm de repelir frequentemente ingerências russas indébitas em seus territórios e foi preciso a severa advertência e lição de Clark para que de todo cessassem tais alevimentos.

Enquanto isso, os partidos comunistas, fidelíssimos à Rússia apesar da hipócrita dissolução do Comintern, iniciaram a sordida política dos acordos. Inventaram uma *burguesia progressiva* e com pés de lá e palavras melífluas, queriam fazer crer em sua conversão às boas praxes, à colaboração, à união. Era tudo um fazer com as mãos e desmanchar com os pés como se os outros fossem uns medrados lorpas. Os Pelegados soviéticos iam à missa

e o incomparável Prestes, aqui, andou cortejando o clero e o odemanes, suspeitíssimos. Uma vergonha.

Como se o clero não fosse es-

colado! Resumo: a nós anarquistas nada nos interessam os contratempos ou destinos do partido comunista, burguês, totalitário, traidor da revolução proletária e fiel súdito do imperialismo russo. Ele que se arranje com os seus mui dignos adversários fascistas. Pesam iguaisinhos na balança política. Tem feito à causa dos trabalhadores males infinitos em todos os países civilizados. No Brasil, de traição em traição, entregou os sindicatos ao fascismo do Ministério do Trabalho e não teve meio, por ter perdido de todo, a confiança operária, de educá-los em sentido verdadeiramente revolucionário. Educou-os para o voto, para a senvergouhice política, para o inércia parlamentar.

Seu fechamento resulta pois de duas calamidades: a) seu desgraçado método de luta; b) duas inépcias somadas: a de Stálin na Rússia e a de Prestes no Brasil.

Os comunistas, com suas *táticas*, desrespeitaram-se a si mesmos, aviltaram-se desmedidamente e rolam podres, sem nenhuma dignidade.

Nós anarquistas, com a nossa intransigência revolucionária, podemos ser perseguidos, encarcerados, martirizados, fuzilados, qual se dá na Espanha; mas, somos respeitados porque mantemos de pé nossos princípios e nossas ações, pese a quem pesar. Por isso, somos invencíveis!